

NARRATIVA LENDÁRIA E LITERATURA

ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ORIGEM E EVOLUÇÃO DA LENDA QUEBEQUENSE *A CORRIVEAU*

Between history and literature; memory and identity:
origin and evolution of the quebec legend to *Corriveau*

Kelley Baptista Duarte
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre a evolução de uma das lendas mais importantes na tradição oral e literária do Quebec. A história d'*A Corriveau* nasce de um episódio verídico, pouco visibilizado pela história oficial, mas que ganha dimensões literárias que a perpetuam na oralidade e, posteriormente, na escrita. Partindo do registro literário da lenda oral, realizado por Philippe Aubert de Gaspé (1864), em contraponto às adaptações contemporâneas que subvertem o desfecho tradicional, na escrita de Anne Hébert (1990) e Claude-Emmanuelle Yance (2011), procuro sublinhar a importante representação dessa figura feminina na transmissão oral e na construção do sistema literário quebequense.

PALAVRAS-CHAVE: história; lenda; literatura; Quebec; tradição.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the evolution of one of the most important legends in the oral and literary tradition of Quebec. The story of *Corriveau* is born from veridical episode, little seen by official history, but which gets literary dimensions that perpetuate it in orality and, later, in writing. Philippe Aubert de Gaspé (1864), in contrast to the contemporary adaptations that subvert the traditional ending, in the writing of Anne Hébert (1990) and Claude-Emmanuelle Yance (2011), I try to emphasize the importance of the representation of this female figure in oral transmission and in the construction of the Québec literary system.

KEYWORDS: history; legend; literature; Quebec; tradition.

Introdução

A história do Quebec, província francófona do Canadá, está fortemente relacionada à consolidação e manutenção de uma identidade que se tornou ameaçada após a invasão inglesa em território originalmente conquistado pelos franceses. O famoso episódio da batalha ocorrida nas Planícies de Abraão em 1760, no qual os ingleses se tornam vitoriosos em menos de meia hora de confronto armado, é o marco divisório de um movimento de sobrevivência e resistência de uma minoria já fragilizada pelo abandono da coroa francesa e, a partir daquele momento, massacrada por um exército imponente por sua força bélica, sua cultura, sua religião e sua língua.

É nesse contexto que a tradição oral quebequense se fortalece e emerge como prática cultural de um povo predominantemente iletrado, cujos valores estavam relacionados às práticas religiosas, às atividades laborais e familiares. A lenda passa, então, a ser um discurso oral que reflete e transmite a memória coletiva de um passado colonial, imiscuído à cultura de um novo território.

Jean du Berger, etnólogo e historiador do Quebec, em estudo específico sobre tradição oral, define com transparência a relação entre tradição e construção de uma memória coletiva:

Falamos de construção e de memória coletiva. Construir é uma escolha. As escolhas do lugar, do plano, dos materiais, a opção de organizar e arranjar se fazem em função de carências de ordem pragmática e simbólica (DU BERGER, 1995, p. 191)

Frente às carências de uma população pouco a pouco desaculturada pelo poder da nova colônia britânica, a lenda oral se torna o lugar de edificação de uma cultural que quer fixar raiz. A transmissão oral de histórias populares, reais ou imaginárias, que revelam o passado, a memória individual e coletiva das práticas culturais e dos bons costumes, constitui a herança cultural que posteriormente alicerça a construção do sistema literário quebequense.

A lenda ganha destaque no cenário da literatura do Quebec por representar os valores do passado dessa coletividade, transmitidos de geração em geração, e, sobretudo, por adaptar-se conforme as necessidades dos tempos.

Dentre algumas das lendas tradicionais – circunscritas nos temas que envolvem o homem na luta contra o diabo, os fantasmas e o sobrenatural – destaque, para a reflexão traçada neste artigo, a lenda da Corriveau.

A Corriveau: do fato à narrativa lendária

Marie-Josephte Corriveau é a mulher que protagoniza diferentes episódios narrativos da história e da literatura do Quebec. Figura historicamente depreciada pelos arquivos oficiais do Canadá, a Corriveau é a representação feminina do poder opressor sob diferentes aspectos: o político, o religioso e o cultural. Começo pela contextualização dos fatos para que minha argumentação possa ser fundamentada.

Os registros apontam para seu nascimento em 1733, nas proximidades da atual cidade do Quebec, em Saint-Vallier¹. Corriveau segue o destino de toda mulher de seu tempo e se casa, em 1749, aos dezesseis anos, com um agricultor local, Charles Bouchard. Em 1760 fica viúva – ano coincidente à ocupação dos ingleses.

No contexto da ocupação da colônia francesa, havia a necessidade atroz de marcar presença em território ameaçado. Portanto, a expansão demográfica era meta imperativa. Por essa razão, Corriveau se casa novamente no mesmo ano em que enviuvou. Três anos após o casamento, em 1763, seu segundo marido, Louis Dodier, é encontrado morto, no estábulo da casa, com golpes na cabeça. A morte, apontada por causas homicidas, apresentou dois culpados: Marie-Josephte Corriveau e seu pai, Joseph Corriveau.

A História oficial foi perpetuada através da oralidade, dando destaque a detalhes pontuais e peculiares desse homicídio.

Condenada à forca pela corte marcial inglesa, juntamente de seu pai – apontado ora como cúmplice, ora como assassino em primeiro grau –, Corriveau recebeu uma dupla punição. Após sua execução, em 18 de abril de 1763, seu corpo foi exposto em via pública, de grande circulação, em uma gaiola de ferro suspensa.

A professora e pesquisadora quebequense Nicole Guilbault (1995) recupera, em antologia sobre a história protagonizada por Marie-Josephte Corriveau, os documentos da história oficial, do julgamento e as variações de uma lenda perpetuada por gerações. Outra professora quebequense, Sylvie Dion (2005), pesquisadora e docente em uma IES no Brasil, estuda a persistência da lenda da Corriveau a partir de uma tradição oral que se transforma pela memória coletiva. Para Dion, “a oralidade é, por definição, mais flexível que a escrita, e o acontecimento, uma vez reinterpretado, transmitido, retransmitido, desembocará no curso dessas peregrinações sobre um conjunto de lendas bem articuladas” (DION, 2005, p.88). Nos estudos de Guilbault e Dion encontro os elementos necessários para entender as mutações dessa narrativa.

Estamos frente à condenação de uma mulher, de uma comunidade fortemente católica, acusada de matar o marido. Diante da divulgação desse fato, a população iletrada tratou

¹ Saint-Vallier é conhecida, naquela época, como paróquia rural de Bellechasse.

de perpetuar o ocorrido de acordo com seus valores. Na transmissão oral² desse acontecimento, narra-se, a partir de então, a história do castigo atribuído à má esposa; àquela que ousou romper os laços matrimoniais da pior maneira possível. Sylvie Dion nos lembra que “o desvio, a transgressão aos bons costumes era severamente condenada pelo grupo, sobretudo as transgressões femininas” (DION, 2005, p.89).

Não obstante do inevitável julgamento público³, está a direta ligação com a feitiçaria, pois somente as atitudes de uma bruxa, no imaginário popular, explicariam a proeza de matar o próprio marido.

Ao longo dos tempos, conservando a prática moralista dos bons costumes cristãos, a lenda oral transformou a história encobrendo qualquer dúvida diante da acusação e seu veredito. Foi assim que a lenda da Corriveau dá destaque às razões que levaram à cruel punição atribuída. Ou seja, por que enforcar uma mulher e ainda expor seu cadáver até a putrefação de sua carne? Tratava-se de uma bruxa, assassina de até sete maridos e infanticida. Razões suficientes para torná-la o contraexemplo em uma comunidade que necessitava realizar a manutenção de suas práticas religiosas.

Sobre a função da lenda, no seio de uma coletividade, a professora e etnóloga Sylvie Dion nos explica:

Ainda que a lenda tenha, por pano de fundo fatos reais, históricos, nela encontramos igualmente, de maneira constante, elementos revelando o fantástico, o sobrenatural e o extraordinários.

Mais que uma simples narrativa visando divertir uma plateia, a lenda explora os valores morais de um grupo, pondo em evidência ora um exemplo a seguir, ora um contraexemplo, um desvio de comportamento a ser evitado a todo custo. (DION, 1999, p. 225)

O primeiro registro escrito da lenda da Corriveau é feita por Philippe Aubert de Gaspé, em 1864, na publicação de *Les anciens canadiens*. Essa obra, incontornável nos livros sobre a formação da literatura do Quebec, é a primeira a reunir as lendas tradicionais da oralidade. Nessa transcrição, feita pelo honroso⁴ romancista Ph. Aubert de Gaspé na voz de um narrador em terceira pessoa, a história da Corriveau funde-se com outra narrativa lendária que conta o encontro de bruxas na ilha de Orleans. Assim, a Corriveau passa para o registro literário, carregando o estereótipo da bruxa que assombra os bons cristãos, sem que se esqueça das razões de sua punição:

[...] um dia, meu falecido pai, que está morto, havia deixado a cidade um pouco tarde para voltar pra nossa casa; [...] quando meu falecido pai quis partir, já era noite. Seus amigos fizeram de tudo para mantê-lo ali para dormir, dizendo que ele passaria sozinho diante da gaiola de ferro d'A Corriveau, onde ela pagava sua penitência por ter matado seu marido⁵. (GASPÉ apud GUILBAULT, 1995, p. 57)

² A pesquisadora Sylvie Dion, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, faz um estudo detalhado da lenda da Corriveau em sua relação com o *fait divers* a partir da circulação dessa história. Lembrando que a imprensa canadense francesa surgiu nesse território um ano após a condenação e morte de Marie-Josephte, ou seja, em 1764.

³ É preciso levar em consideração que o inquérito foi instaurado devido aos rumores da população que reverteu o episódio da morte de Louis Dodier, inicialmente dada como acidental, em assassinato. Sendo assim, o primeiro julgamento foi o da opinião pública.

⁴ Ph. Aubert de Gaspé é considerado o primeiro romancista da literatura quebequense.

⁵ [...] un jour, mon défunt père, qui est mort, avait laissé la ville pas mal tard, pour s'en retourner chez nous; [...] quand mon défunt père voulut partir, il faisait tout à fait nuit. Ses amis firent alors tout leur possible pour le garder à coucher, en lui disant qu'il allait bien vite passer tout seul devant la cage de fer où La Corriveau faisant sa pénitence, pour avoir tué son mari.

As variações da narrativa lendária e o retorno ao fato histórico

A lenda registrada por Ph. Aubert de Gaspé é apenas uma das muitas variantes dessa narrativa oral. Para cada versão há variações de diferentes ordens: 1) o lugar do fato e da aparição/assombração da Corriveau; 2) o perfil da Corriveau – descrita como adúltera, assassina, infanticida ou bruxa; 3) o número de maridos mortos e outras mortes causadas pela assombração da Corriveau; 4) diferentes formas de executar a morte de seu(s) marido(s) e das vítimas de sua aparição como assombração.

No mesmo século de publicação de *Les anciens canadiens*, duas outras adaptações literárias da lenda oral foram registradas. Em 1877, o escritor britânico William Kirby publica *The golden dog*, traduzido para o francês em 1884. O romance, que também recupera lendas tradicionais, traz a história de uma ambiciosa aristocrata que contrata os serviços da Corriveau para envenenar uma rival. Já Louis Fréchette, publica “La cage de La Corriveau” em 1885, em uma edição especial do jornal *La Patrie*. Posteriormente, em 1913, essa narrativa foi introduzida em um almanaque quebequense sob o título “Une relique”. A adaptação de Fréchette volta ao cenário de investigação da morte do segundo marido e de condenação da suspeita. No inquérito da morte do segundo marido, descobre-se o assassinato do primeiro – vítima de chumbo derretido colocado em seus ouvidos. O perfil da acusada é o de uma mulher fria e meticulosamente perversa que não escapa do enforcamento executado nas Planícies de Abraão. Mesmo com a confissão do pai, empenhado em poupá-la de qualquer penitência, ela não se abala. No ímpeto de desconstruir o elemento fantástico, dando maior veracidade à narrativa historiográfica, Fréchette deixa as pistas para novas investigações, que mudarão o olhar direcionado a essa personagem.

Seguindo as pegadas de seus antecessores, o escritor e folclorista Luc Lacourcière reconstitui, em uma publicação feita para *Les Cahier de Dix*⁶, n. 33, de 1968, o processo e o julgamento. Em seu texto, Lacourcière traz ao público outra interpretação dos fatos daquilo que ele chama de “página macabra dos anais judiciários” e revela elementos que transformariam o estereótipo daquela mulher pecadora. Para esse folclorista, se Marie-Josephte Corriveau fosse julgada regularmente, teria escapado da forca. Para ele, um elemento é substancial: as provas de sua acusação eram circunstanciais e seriam rejeitadas por qualquer tribunal. Lacourcière também argumenta sob outra perspectiva: o júri foi composto por doze oficiais britânicos e o julgamento conduzido pelo advogado da coroa britânica que atuava também como secretário do governador britânico, James Murray, responsável por comandar a colônia recentemente conquistada. Aliás, o julgamento fora realizado em inglês, sem tradutor ou intérprete, e sem a permissão da acusada para testemunhar.

Com base nas irregularidades do julgamento, volto ao contexto historiográfico da época para entender outra leitura possível desse episódio. De um lado, e conforme apontei inicialmente, a lenda da Corriveau representa, no imaginário popular, a expressão da boa conduta matrimonial e religiosa subvertidas por uma mulher. Entretanto, ela também assume, no imaginário da história oficial, a imposição de um poder (o britânico) que subjuga, oprime seu opositor (o francês). O enforcamento da Corriveau, perto das Planícies de Abraão, representa a lembrança daqueles que estão no comando e que fizeram daquele lugar o palco de um massacre. Da mesma forma, a exposição de seu cadáver em via pública é o símbolo da punição para aqueles que não sucumbem.

A Corriveau da ficção feminina

As interrogações deixadas pela pesquisa nos documentos oficiais reverberam novas leituras dos acontecimentos que envolvem a jovem viúva de trinta anos, mãe de dois filhos do primeiro

⁶ *Les Cahiers des Dix* [Os Cadernos dos Dez] é uma publicação interdisciplinar, considerada coleção patrimonial. Fundada em 1936 por dez pesquisadores, *Os Cadernos* são referência da história do Quebec voltada a sua economia, sociedade e cultura.

casamento. As lacunas dessa história de desfecho punitivo são prolíficas no imaginário de duas escritoras do século XX que, à sua maneira, modificam o perfil dessa protagonista em uma atualidade marcada pela insubmissão feminina.

A primeira a escrever é Anne Hébert, em 1990, rompendo também a tradição de essa história só ter sido, até essa data, reescrita por homens⁷. *La cage* de Anne Hébert é uma peça de teatro, traduzida para o português em 2003 sob o título *A gaiola de ferro*. A tradução e edição são de responsabilidade da professora e pesquisadora Nubia Hanciau, que, dedicada ao tema da feitiçaria e à literatura de Anne Hébert, inclui nessa publicação um ensaio crítico para auxiliar o leitor na compreensão da peça e para apresentá-lo à tradição da lenda da Corriveau. Ao discorrer sobre o assunto, a professora dá destaque à releitura feminista que subverte o desfecho tradicional da história e da lenda, apresentando uma protagonista vítima de um homem violento, mas que o mata acidentalmente. No enredo dessa peça, a personagem é casada com Elzear que a deixa para trabalhar na floresta. Antes de partir, Elzear a orienta: “Viste o fuzil em cima da porta? É preciso utilizá-lo se algum dia um homem vier por aqui lhe rondar. Ludivina, minha mulher, eu parto, e com grande prazer. Gosto da floresta mais que de meu pai e minha mãe” (HÉBERT, 2003, p. 51) O tempo passa e Elzear não volta. Ludivina se vê sozinha, cuidando da pequena propriedade que o casal tinha, sobrevivendo da venda dos ovos de suas galinhas. Um dia, ela é surpreendida com a presença de um estranho à sua porta:

LUDIVINA

Quem vem lá?

Silêncio. O homem ameaçador avança sempre. Ludivina entra em casa. O homem joga no chão enormes fardos que carregava. Aproxima-se da casa. Ludivina grita através da porta fechada.

LUDIVINA

Ide embora. Tomai vosso caminho! Não tendes nada a fazer aqui!

O homem debocha. Está contra a porta. Ludivina entreabre a porta e atira com o fuzil do marido. O homem desaba com um grito. [...] Ludivina aproxima-se, olha-o, ergue-o em seus braços. Ela grita.

LUDIVINA

Elzear, meu marido! És tu mesmo, morto aqui, em meus braços! Não, não és tu! Não te reconheço mais com esta enorme e lanuda barba ensanguentada sobre o peito. (*Ela deixa cair o corpo.*) Estranho! Este homem é um estranho! Um desconhecido escondido no meio da noite, um vadio, um malfeitor, um vagabundo que passa para me dar medo na noite. (*Ela chora.*) (HÉBERT, 2003, p.85)

Mesmo acusada, julgada por um juiz impiedoso, João Crebessa, a Corriveau de Anne Hébert é salva da pena de morte pelo mal súbito que acomete o juiz antes de proferir sua sentença. Crebessa cumpre o destino que lhe é atribuído pelas fadas negras e morre por ser um homem de “coração estéril” (HÉBERT, 2003, p. 109); incapaz de reconhecer no testemunho daqueles que amam Ludivina a bondade de uma mulher inocente; vítima das circunstâncias.

Importante destacar que o imaginário da feitiçaria é preservado no teor da peça, porém adaptado na criação das personagens que representam o bem e o mal, ou seja, as fadas

⁷ Anterior à publicação de A. Hébert, temos os seguintes registros: 1864 – *Les anciens canadiens*, Philippe Aubert de Gaspé (romance); 1884 – *Le chien d’or*, William Kirby (romance); 1885 – “La cage de la Corriveau”, Louis Fréchette (novela); 1971 – “La Corriveau”, Gilles Vigneault (música – balé); 1976 – *Ma Corriveau*, Victor-Lévy Beaulieu (teatro); 1978 – “Le Coffret de la Corriveau”, André Carpentier (conto fantástico); 1981 – *La Corriveau: le procès* posthume, Bernard Gagnon (teatro); 1981 – *La Corriveau*, André LeBel (romance histórico); 1981 – *Les commérages*, André Jean (teatro).

brancas e as fadas negras. São elas, na literatura de Hébert, que medem forças diante do destino de dois bebês, as futuras mulheres que protagonizarão a peça: Ludivina e Rosalinda. A primeira, a camponesa quebequense. A segunda, a inglesa de família privilegiada. Na peça, ambas são representadas junto a uma gaiola. Ludivina, com sua gaiola de ferro; Rosalinda, com sua gaiola dourada. É Rosalinda a figura destinada a casar-se com o “representante da moralidade oficial” (HANCIAU, 2003, p. 123), João Crebessa – o marido que a confina em uma vida doméstica, sem acesso a livros, porém, uma vida de luxo. A gaiola de ferro e a gaiola de ouro representam o aprisionamento simbólico por imposição de seus cônjuges; também pode ser interpretado, se voltarmos ao contexto histórico do episódio, como as hierarquias culturais na relação entre ingleses e franceses daquele território em disputa.

Após Anne Hébert lançar o contraponto à tradição de desfecho trágico e, por vezes, assombroso, outros escritores também mantiveram o costume e a responsabilidade da transmissão da lenda⁸. Entretanto, cabe ressaltar que apenas um deles, outra mulher, subverte o desfecho da tradição oral.

Claude-Emmanuelle Yance, em 2011, publica uma coletânea de novelas intitulada *Cages* [Gaiolas], dedicando uma delas à reescritura da lenda da Corriveau. Nesse texto, Yance dá voz a uma Corriveau moderna, porém subjugada aos maus tratos de um marido alcoólatra. Na cena inicial da novela, a personagem, impregnada de ódio por ter sido novamente espancada pelo companheiro, reage reconhecendo o verdadeiro sentido de portar o sobrenome “Corriveau”. Decidida a se vingar do agressor, ela alimenta seu sentimento lembrando o chute que a deixou desacordada e que a levou para o hospital: “Ela foi projetada pra baixo de sua cadeira pelo chute nas costelas que a fez girar sobre o piso. Ele se lançou com fúria sobre ela, que estava quase desacordada. Ela nem gritava, pois havia esquecido como gritar. [...] Ela se acordou três dias depois, no hospital”⁹. (YANCE, 2011, p. 54-55)

Após a hospitalização, a protagonista de Yance é encaminhada a um abrigo para mulheres vítimas da violência doméstica. Lá, recuperando-se do espancamento, ela prepara sua volta pra casa, após ser lembrada de sua essência imponente: “um dia, quando entrava na cozinha, ela ouviu murmurar uma das duas mulheres que lavava a louça: ‘A Corriveau’. E a Corriveau despertou nela, repentinamente, pronta, armada como se fosse para a batalha de sua vida”¹⁰ (YANCE, 2011, p.58).

Mesmo desaconselhada pelos profissionais do abrigo, ela insiste em voltar para o ambiente das agressões. É em casa que ela vai executar sua vingança. Aproveitando a ausência do marido, durante o dia, Maria Corriveau inicia a construção de uma gaiola no porão. À noite, ela o embriaga para finalizar os detalhes dessa construção. Um dia, já desacordado pelos excessos de álcool, misturados aos medicamentos para tratar um ferimento no braço que o obrigara a voltar mais cedo pra casa, ela o arrasta até o porão e o tranca na gaiola:

Ela ficou um bom tempo olhando sua obra. Ele dormia, mas iria acordar. Então, agiria como uma besta feroz. A gaiola iria aguentar? A Corriveau que existia nela delirava de prazer. A Maria se sentia humilhada e estava com medo. Mas a Corriveau havia vencido. Ao menos, naquele instante¹¹.(YANCE, 2011, p. 63)

⁸ As produções que sucedem a peça de Anne Hébert são: 1993 – “La Corriveau”, Douglas Glover (novela); 1993 – *La Corriveau – morte et vive*, Guy Cloutier (teatro); 1995 – “La Corrivaux”, Jean Salvy (televisão); 1999 – *La Maudite*, Daniel Mativat (literatura juvenil); 2001 – “La corrida de la Corriveau”, grupo Mes Aïeux (música); 2003 – *La Fiancée du vent*, Monique Pariseau (romance); 2004 – “Nouvelle-France”, direção Jean Beaudin (filme); 2011 – “La Corriveau”, Claude-Emmanuelle Yance (novela); 2013 – *L’ensorceleuse de Pointe-Lévy*, Sébastien Chartrand (romance); 2015 – *La Corriveau*, Jean-Nicholas Vachon (literatura juvenil); 2015 – “La Corriveau”, direção de Alain Vézina (documentário).

⁹ Tradução livre do original: “Elle fut jetée en bas de sa chaise par un coup de pied dans les côtes qui l’envoya valser sur le plancher. Il s’acharna sur elle à moitié réveillée, impuissante. Elle ne criait même pas, elle avait oublié comment crier. [...] Elle se réveille trois jours plus tard à l’hôpital”.

¹⁰ “un jour qu’elle entrain dans la cuisine, elle entendit murmurer l’une des deux femmes qui lavaient la vaisselle: ‘La Corriveau’. Et La Corriveau se réveille en elle, tout d’un bloc, prête, armée comme pour la bataille de sa vie”.

¹¹ “Elle resta longtemps à regarder son oeuvre. Il dormait, mais il allait se réveiller. Et alors, il serait comme une bete féroce. La cage allait-elle tenir ? La Corriveau en elle délirait de plaisir. Marie se sentait toute petite et elle avait peur. Mais La Corriveau avait gagné. Au moins jusqu’à cette minute”.

O embate contra esse homem agressor vai além dos limites do real. Impregnada de uma força comunal, atribuída à hereditariedade da assassina-bruxa, ela sabe que está enfrentando um homem também carregado de um fardo sobrenatural: “Ela conhece cada ruga daquele rosto, cada pelo daquela barba, cada cabelo daquela cabeça que se confunde propriamente àquela do diabo¹²” (YANCE, 2011, p.66).

Reconhecendo sua aparente vitória, a do aprisionamento, ela, então, se questiona: o que fazer? Afinal:

É ela quem conduz agora e é ela quem segura as rédeas de um cavalo enfurecido. Ela permanece ali, olhando pra ele, mas olhando pra ela também, naquela situação. Ela não acredita... ela ousou fazer aquilo? Ela é a mais forte, agora. Mas o que se faz quando se tem o poder de vida ou de morte sobre alguém, o que se faz?¹³ (YANCE, 2011, p. 67)

O agressor da novela de Yance, denominado Louis Dodier-Leclerc, incorpora a representação de todo opressor. Por vezes, nos delírios de sua personagem Maria Corriveau, ele também assume a face do pai dessa vítima, explicitando que sua condição de mulher oprimida, que se deixava espancar, é fruto de uma educação familiar humilhante; de um pai que batia na mãe e na filha. No desfecho dessa história, os elementos da lenda tradicional não são esquecidos. Eles, a todo o momento, são retomados e atualizados nesse novo contexto: 1) o fantástico, característica da lenda oral, confunde-se com os delírios causados pelo medo e pela abstinência alcoólica dessa mulher – também condicionada aos vícios de seu agressor; 2) os elementos que figuram a punição, tais como a degradação moral, representada pelo confinamento na gaiola, e a degradação física, pela putrefação da carne; e, principalmente, 3) os nomes das personagens, históricas e lendárias, que, nesse novo contexto, servem para lembrar o leitor do compromisso da transmissão, tanto por parte da autora quanto daquele que lê e se apropria da atualização da narrativa tradicional.

Considerações

Refletir sobre a trajetória de uma lenda tradicional, no Quebec, é olhar sem desvio para a história desse território. Em diferentes tempos e momentos literários, a lenda da Corriveau foi retomada, revisitada e reconfigurada atendendo a um mesmo objetivo: preservar na história a memória de uma identidade cultural; a memória de uma comunidade francófona que resistiu à soberana colonização inglesa e sobreviveu ao dissimulado poder de aculturação.

Sob um olhar mais atento, o que a lenda da Corriveau nos ensina se impõe como um despertar consciente sobre a importância da oralidade na formação da literatura nas Américas. Diferente do pensamento etnocêntrico, que já atribuiu a ausência de História para os povos sem escrita, a América francófona é a resposta positiva e exemplar que contrapõe esse pensamento. Estamos diante da história e da literatura de um povo gerido pela oralidade e cuja organização cultural, que preserva a memória e a identidade, recai sobre a transmissão. Anne Hébert e Claude-Emmanuelle Yance são emblemáticas no duplo compromisso de escritoras e de herdeiras da cultura quebequense. Ambas são leitoras e escribas de uma tradição representada, aqui, na figura do feminino. A teatralização, na proposta da peça de Anne Hébert, permite mutuamente a expressão da oralidade e a expressão do corpo. Corriveau tem voz, fala em discurso direto, e é a protagonista. Já a releitura da lenda tradicional, na escrita de Claude-Emmanuelle Yance, demarca o compromisso da literatura contemporânea com seu próprio passado literário.

¹² “Elle connaît chacune des rides de ce visage, chacun des poils de cette barbe, chacun des cheveux de cette tête qui se confond en elle avec celle du diable”.

¹³ “C’est elle qui conduit maintenant et elle tient entre ses mains la bride d’un cheval fou. Elle reste là à le regarder, mais à se regarder elle aussi dans cette situation. Elle n’en revient pas... elle a osé faire ça ? C’est elle la plus forte, maintenant. Mais qu’est-ce qu’on fait quand on a pouvoir de vie ou de mort sur quelqu’un, qu’est-ce qu’on fait?”

Para marcar com clareza o limiar da literatura do Quebec, permito-me afirmar, no fechamento deste artigo, que a Corriveau é, simbolicamente, um artefato na arqueologia cultural de um povo que sobreviveu.

Referências

- DION, Sylvie. A legitimação do *fait divers* – o caso de Marie-Josephte Corriveau: a enforcada e engaiolada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 83-93, 2005.
- _____. Transgressões e crenças populares: o lendário do Quebec. In: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; Dion, Sylvie (Org.). *A América Francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- DU BERGER, Jean. Tradição e constituição de uma memória coletiva. In: BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie. *A América Francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- GUILBAULT, Nicole. *Il était cent fois La Corriveau*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1995.
- HANCIAU, Nubia. A Corriveau: culpada ou inocente? Ensaio crítico. In: HÉBERT, Anne. *A gaiola de ferro*. Trad. Nubia Hanciau. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003. p. 111-128.
- HÉBERT, Anne. *A gaiola de ferro*. Trad. Nubia Hanciau. Rio Grande: Ed. da FURG, 2003.
- LAMONDE, Yves. Qual história nos contamos? Ficção literária e História. In: HANCIAU, Nubia; DION, Sylvie (Org.). *A literatura na história. A história na literatura: textos canadenses em tradução*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2013.
- PROVENCHER, Serge. *Anthologie de la Littérature Québécoise*. Québec: ERPI, 2007.
- YANCE, Claude-Emmanuelle. La Corriveau. In: _____. *Cages*. Québec: Lévesque Éditeur, 2011.

Recebido em: 19 dez. 2017.

Aprovado em: 28 fev. 2018.